



Do milho crioulo ao cuscuz: avanços e desafios do Movimento Camponês Popular em Sergipe nas experiências de produção, beneficiamento e comercialização

From maize landraces to couscous: advances and challenges of the Popular Peasant's Movement in Sergipe in the experiences of production, processing and commercialization

FAGUNDES, Rita¹; ARAUJO, Maria Aline²; CAETANO, Philipe³; MAIA, Ana Karoline³; ROSA, Tabata³.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA/UFRRJ, ritafagundes@hotmail.com; ² Universidade Federal de Sergipe – PPGI/UFS, aalinerios@gmail.com; ³ Movimento Camponês Popular – MCP, philipe_floresta@hotmail.com.

Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: A produção e o consumo do milho fazem parte do modo de vida dos camponeses sergipanos. Entretanto, nos últimos anos tem crescido o processo de modernização conservadora da agricultura com tendências à especialização. Atualmente, a maior parte do milho que é produzido e consumido no Estado nas suas mais variadas formas é originário de sementes de milho transgênico. Relatamos neste trabalho a experiência do Movimento Camponês Popular, que se contrapondo às tendências do sistema agroalimentar, vem desde o ano de 2017 desenvolvendo algumas experiências na produção e beneficiamento industrial de farinha para cuscuz feita a partir do milho crioulo. Os dados utilizados para essa relatoria foram obtidos a partir de diários de campo, entrevistas, consulta a registros realizados pelo setor de produção do movimento e pesquisa bibliográfica. A experiência de beneficiamento tem se apresentado como viável sob vários aspectos, entretanto ainda existem alguns desafios no que tange à transição agroecológica e a redução dos custos de produção.

Palavras-Chave: transição agroecológica; hábitos alimentares; circuitos curtos de comercialização.

Keywords: agroecological transition; food habits; short food supply chains.

Contexto:

O propósito deste relato é falar da experiência do Movimento Camponês Popular (MCP) em Sergipe, no que se refere à produção e comercialização de farinha para cuscuz, obtida a partir do beneficiamento agroindustrial de milho crioulo.

Em Sergipe, o cultivo do milho que historicamente foi produzido para subsistência das famílias, geralmente consorciado com feijão, a partir da utilização de sementes guardadas para as safras seguintes ou trocadas com outros camponeses e camponesas, passou a ser substituído por sementes híbridas convencionais ou transgênicas. De acordo com pesquisadores ligados ao Programa de Melhoramento de Milho da Embrapa, o ano de 2006 é considerado como o ano que a Revolução Verde “mostrou sua força” em Sergipe (PACHECO *et al.*, 2017).



Partindo do entendimento que a agricultura camponesa não pode se tornar dependente do pacote tecnológico das grandes transnacionais do agronegócio, o MCP iniciou em 2015 um trabalho de resgate e multiplicação de sementes crioulas em Sergipe e viu a necessidade de avançar em dois sentidos: 1) Dominar os circuitos de produção e beneficiamento (cadeia produtiva) das culturas que o movimento possuía maior trabalho com as sementes crioulas; 2) Se desvencilhar da dependência de políticas públicas¹ para escoamento como única forma de comercialização da sua produção.

Considerando que o milho é um componente utilizado em mais de 150 produtos de diferentes setores industriais, priorizou-se o beneficiamento de farinha para cuscuz por alguns motivos. O principal, decorre do fato de que o cuscuz, alimento produzido à base de milho, geralmente cozido a vapor, a partir da adição de água e sal, é um dos alimentos tradicionais mais consumidos e faz parte dos hábitos alimentares dos sergipanos. Em 2016 foi feito um levantamento² em mercearias e supermercados de Sergipe. Com exceção de uma loja especializada em produtos naturais que comercializava farinha para cuscuz da Copirecê, as mais de 20 marcas comercializadas, apresentavam o rótulo identificando que era transgênico, ou seja, restava ao consumidor adquirir produtos transgênicos ou deixar de consumir farinha industrializada.

Considerando as controvérsias envolvendo os alimentos transgênicos e a demanda crescente por alimentos mais saudáveis, acreditava-se que o produto teria uma boa aceitação e seria comercializado com facilidade, podendo contribuir tanto para a segurança e soberania alimentar e nutricional dos agricultores(as), como das famílias consumidoras que adquirissem o produto.

Descrição da experiência

Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir de pesquisa bibliográfica, diários de campo, entrevistas e consultas aos registros contábeis realizados pelo setor de produção do movimento entre os anos de 2017 e 2019. Todas as experiências de beneficiamento industrial realizadas pelo MCP de Sergipe ocorreram na agroindústria da Cooperativa Agropecuária Mista Regional de Irecê (COPIRECÊ), localizada no município de Irecê-BA, a uma distância de aproximadamente 670 km de Aracaju, capital de Sergipe.

¹ Boa parte da produção do Movimento Camponês Popular era comercializada na forma de sementes, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Em 2018, o movimento aprovou a venda de 6 toneladas de feijão e 23 toneladas de milho para serem distribuídas em 2019, mas só pôde entregar 17 toneladas de milho, pois 6 toneladas foram identificadas como sendo sementes contaminadas por transgenia. Na chamada pública de 2019, nenhuma proposta foi aprovada para Sergipe, ou seja, o Movimento Camponês Popular não participará desse programa de distribuição de sementes em 2020.

² Levantamento feito por Rita Fagundes durante elaboração do projeto de pesquisa do Doutorado (CPDA/UFRRJ), que tem como tema o arranjo produtivo do milho em Sergipe e as recentes transformações.



A primeira experiência de beneficiamento ocorreu em maio de 2017, quando integrantes do MCP fizeram uma visita à cooperativa com o intuito de conhecer o processo de beneficiamento e ver a possibilidade de fazer uma parceria. Nesta ocasião, foram levados apenas 250 kg de milho crioulo e a farinha para cuscuz beneficiada na cooperativa teve como destino, a residência dos próprios agricultores(as) ligados ao movimento, para que pudessem conhecer o produto feito a partir do milho que cultivavam. Na segunda experiência foram beneficiadas 3.600kg de milho crioulo, resultando em aproximadamente 1.800kg de farinha para cuscuz. Em outubro de 2017 o MCP levou mais um carregamento de milho crioulo para Copirecê, resultando em 4.140kg de farinha para cuscuz e 150kg de fubá. A maior parte da produção do segundo e terceiro lote de beneficiamento foi vendida de modo informal através de circuitos curtos de comercialização, envolvendo mercearias, lojas de produtos naturais e Sindicato dos Trabalhadores da Educação e, também, diretamente aos consumidores através de divulgação nas redes sociais. Em 2018 foram realizadas mais três viagens à Irecê. Na primeira, realizada no mês de fevereiro, o beneficiamento resultou em 3.400kg de farinha para cuscuz e 150kg de fubá. Mesmo levando em consideração que a farinha para cuscuz comercializada pelo MCP não era totalmente agroecológica, o fato de ser livre de transgênicos já chamou atenção e despertou o interesse de muitos consumidores, aumentando o número de pedidos que chegavam de outros Estados, mas o movimento não tinha condições de atender essa demanda. As vendas na primeira viagem de 2018 ocorreram de forma similar a 2017, com o acréscimo que foi criada uma Feira Agroecológica nas dependências da Universidade Federal de Sergipe, possibilitando que o MCP tivesse um novo ponto de escoamento da produção e uma pequena parte da farinha para cuscuz e quase 100% do fubá foram destinados através do *Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)* ao município de Tomar do Geru – SE. Na segunda viagem, o beneficiamento resultou em 4.800kg de farinha para cuscuz e 240kg de fubá. A venda ocorreu de forma similar a viagem anterior, no entanto, não houve venda para o PNAE, mas parte da produção foi comercializada durante o IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), realizado em junho de 2018 na cidade de Belo Horizonte – MG. Cada unidade da Federação tinha o direito de montar uma barraca para expor e comercializar seus produtos na feira do ENA. O MCP de Sergipe levou 660 pacotes de farinha de milho crioulo para cuscuz e antes mesmo que a feira chegasse ao fim, os pacotes já tinham acabado. A maior parte dos pacotes foi vendida para participantes oriundos de outros Estados do Nordeste, que se queixaram de só encontrar em seus municípios, farinha para cuscuz transgênica.

Considerando a crescente demanda pela farinha de milho crioulo, na terceira e última experiência de beneficiamento, ocorrida em dezembro de 2018, foram transportados de Sergipe para a Copirecê, 18.000kg de milho crioulo, resultando em 12.000kg de farinha para cuscuz que foram embalados em pacotes com 500g cada. O restante (6.000kg), foi considerado como subproduto (farelo de milho) e ficou na agroindústria como pagamento pelo serviço do beneficiamento e empacotamento. Nesta última viagem, o movimento optou por não beneficiar fubá, pois a demanda se



mostrou reduzida. Em compensação, como a quantidade de farinha para cuscuz aumentou consideravelmente, o movimento chegou a comercializar em outras unidades da federação, com destaque para os estados de Pernambuco, que consumiu 3.750kg e Alagoas, que consumiu 750kg.

Importante destacar que além dos agricultores receberem parte da produção beneficiada para o consumo da família, eles receberam pela saca de milho que seria transformada em cuscuz um valor superior³ ao comercializado na região.

Considerando todos os gastos com o beneficiamento, que inclui o pagamento do milho, o subproduto que ficou com a agroindústria como pagamento pelo beneficiamento, o frete, a confecção dos rótulos, as despesas de acompanhamento da produção, o pagamento dos jovens que etiquetaram as embalagens e outros custos menores, após o beneficiamento, cada pacote com 500g teve um custo de R\$ 2,00 (dois reais). Para o consumidor final, os preços comercializados foram variados. Em Aracaju, cada pacote com 500g foi comercializado por R\$ 3,50. Já nos municípios do interior de Sergipe, cada pacote foi comercializado a R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos). O movimento optou por uma margem mínima de lucro nos municípios do interior, pois a renda *per capita* nesses municípios costuma ser menor que na capital e o movimento tem entre seus objetivos, popularizar a farinha de milho crioulo no próprio estado onde o milho foi produzido. Para revendedores de Sergipe, os preços dos pacotes também se deram de forma diferenciada, com valores que variaram entre R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos) e R\$ 3,33 (três reais e trinta e três centavos). Já em outras capitais do Nordeste, como Recife e Maceió, cada pacote foi comercializado por R\$ 4,50 (quatro reais e cinquenta centavos), tendo em vista o custo adicional no transporte. Além do consumo por parte das famílias produtoras, como o MCP conseguiu armazenar parte da produção em câmaras frias, foi possível comercializar todo o excedente.

Resultados e desafios

A experiência se mostrou positiva sob vários aspectos. Possibilitou uma maior autonomia na esfera produtiva, pois os agricultores não precisam comprar sementes todos anos⁴ e ainda podem melhorar e multiplicar as próprias sementes. A experiência também contribuiu para a segurança alimentar e nutricional das famílias, tendo em vista que o cuscuz é um alimento que é consumido cotidianamente. Contribuiu para a geração de renda, tendo em vista que as famílias agricultoras venderam a saca de milho pelo dobro do valor negociado na região. Também foi agregado valor após o beneficiamento, entretanto, se o milho tivesse sido beneficiado no próprio Estado, o custo final do produto seria reduzido.

³ O valor médio recebido em 2018 por cada saca com 60kg de milho pelos agricultores que venderam para indústrias de ração, granjas ou para atravessadores, foi de R\$ 35,00 (trinta e cinco reais). Já os agricultores ligados ao MCP receberam R\$ 70,00 (setenta reais) pelo saco de milho com 60kg.

⁴ O valor de um saco com 20kg de sementes transgênicas oferecido no comércio de Sergipe varia, podendo custar de R\$ 350,00 a R\$ 700,00, a depender da marca e das características.



Além dos produtores já receberem um valor mais alto pelo saco de milho *in natura*, considerando que após o beneficiamento o custo de cada pacote com 500g foi de R\$ 2,00 (dois reais), pode-se dizer que os pacotes comercializados a R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta) geraram um lucro de 25% e os pacotes comercializados a R\$ 3,50 (três reais e cinquenta) geraram um lucro de 75%. Entretanto, é preciso destacar que considerando os gastos com transporte e acompanhamento da produção, se o beneficiamento tivesse ocorrido em Sergipe, se reduziria o custo de produção em torno de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) por quilo beneficiado, o que implicaria na redução do preço para o consumidor final e/ou no aumento da renda das famílias produtoras.

Se o milho fosse beneficiado em Sergipe, poderia virar farinha aos poucos, reduzindo problemas que ocasionalmente podem surgir, como o aparecimento de gorgulhos e lagartas decorrentes do armazenamento por um período mais longo. Diferente das marcas que costumam ser comercializadas nos supermercados, o milho crioulo do MCP não passou pelo processo de expurgo⁵, que aumenta a conservação do produto final e o tempo de prateleira. Com a farinha de milho crioulo, passado algum tempo do beneficiamento, aconselha-se que os pacotes sejam armazenados em câmara fria ou geladeira.

No que se refere à venda em outros Estados do Nordeste, embora mais de 1/3 da produção obtida no último beneficiamento tenha sido comercializada fora de Sergipe, o Movimento se deparou com algumas dificuldades, pois algumas feiras agroecológicas não aceitaram comercializar o produto, mesmo não havendo um concorrente totalmente agroecológico.

Como já observado quando fizemos a relatoria da primeira experiência de beneficiamento e comercialização (CAETANO et. al., 2018), do ponto de vista da produção do milho é possível verificar que os desafios à transição agroecológica são grandes. O debate sobre o papel do campesinato na produção de alimentos saudáveis para o povo brasileiro é realizado nos diversos encontros, porém nem sempre os camponeses têm condições de realizar uma produção totalmente limpa por falta de disponibilidade de insumos no mercado e pela falta de assistência técnica aliada a falta de conhecimento/prática na produção dos próprios insumos. Atualmente, o movimento só tem três pessoas liberadas no Estado, que além de atuarem como técnicos, também cumprem o papel de organizar e representar o Movimento nos mais variados espaços.

Referências bibliográficas

⁵ Expurgo é o nome dado a um tratamento feito à base de inseticida que é muito utilizado no milho depositado nos silos das grandes agroindústrias para o controle de pragas, tendo caráter tanto preventivo, como curativo.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agrícolas
Sistemas Agrícolas



CAETANO, P. et al. Da semente ao alimento: a experiência do Movimento Camponês Popular de Sergipe na produção e comercialização de cuscuz a partir de milho crioulo. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018.

PACHECO, C.; CARVALHO, H.; CARDOSO, M.; ROCHA, L. **Sistema de Produção de Milho para a Zona da Mata e Agreste Nordestinos**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2017.